

ARTESANATO MINEIRO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA ATIVIDADE
ARTESÃ NO MUNICÍPIO HISTÓRICO
DE PRADOS/MG

Ludimila de Miranda Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais, mestranda em Geografia
ludimilardrigues86@gmail.com

Marcos Nicolau Santos da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Geografia
marcos.nicolau@yahoo.com.br

Raphael Fernando Diniz

Universidade Federal de Minas Gerais, mestrando em Geografia
rfdiniz87@gmail.com

Resumo

O município de Prados, localizado na microrregião geográfica de São João Del Rei, tem se caracterizado como um território de tradição sociocultural e econômica ligada à mineração e ao artesanato, semelhante a vários municípios inseridos na dinâmica do ciclo do ouro em Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII. Iniciada com a matéria-prima do couro, a atividade do artesanato em Prados vem se consolidando e diversificando ao longo dos anos, tanto no meio rural quanto no urbano. O objetivo do trabalho é analisar as diferentes relações socioespaciais e econômicas estabelecidas a partir do artesanato nas áreas rurais e urbanas de Prados, bem como identificar seus impactos e perspectivas na dinâmica produtiva local. A metodologia utilizada é qualitativa, apoiada em entrevistas semiestruturadas realizadas com artesãos, administradores municipais e antigos tropeiros residentes em Prados. Entre os resultados encontrados na pesquisa, verifica-se que o artesanato de madeira de grande porte concentra-se pontualmente em algumas áreas rurais, enquanto no meio urbano o artesanato é mais diversificado, incluindo pequenas peças de madeira, derivados do couro, do barro, da cerâmica e alguns produtos do extrativismo local. O crescimento do artesanato em Vitoriano Veloso se dá pela proximidade com centros locais de destaque turístico, a saber: Tiradentes e São João Del Rei, e tem provocado especulação, uma vez que as peças são compradas em Prados e revendidas a preços elevados em outras áreas com maior potencial turístico. Constata-se ainda que, até o período de realização da pesquisa, o associativismo não era uma característica expressiva no município, devido à tradição de comercialização individual já estar consolidada, dispensando, portanto, formas associativas de organização local.

Palavras-chave: Artesanato. Mineração. Prados. Turismo. Tropeirismo.

**HANDCRAFTS FROM MINAS GERAIS: LIMITS AND POSSIBILITIES OF ART
AND CRAFT IN HISTORICAL TOWN OF PRADOS/
MINAS GERAIS**

Abstract

The borough of Prados, located in the geographical microrregião of São João del Rei, it has if characterized as a territory of sociocultural and economical tradition linked to the mining and the handcraft, similar to several boroughs included in the dynamic cycle of gold in Minas Gerais in the 17th and 18th centuries. Started with the leather, the activity of handcraft in Prados has been consolidating and diversifying throughout the years, both in rural as urban areas. The objective of papers is analyze the different social and economic relations established from the handcraft in rural and urban areas and their impacts and perspectives on the local dynamics productive. The methodology is qualitative, based in semi-structured interviews with craftsmen, municipal administrators and old resident tropeiros in Prados. Among the results found in the research, it is verified that the craftwork of wood of great load ponders on time in some rural areas, while in the urban way the handcraft is more diversified, including small wood pieces, derived of the leather, of the mud, of the ceramic and some products of the local extraction. The growth of handcraft in Victorian Veloso is given by the proximity to prominent tourist centers, as Tiradentes and São João Del Rei, and has provoked speculation, since the crafts are bought in Prados and resold at high prices in other areas with greater tourism potential. It establishes that the association is not a significant feature in the city because of tradition of trade is already consolidated, dispensing, therefore, associative forms of local organization.

Keywords: Handcraft. Mining. Prados. Tourism. Tropeirismo.

Introdução

O artesanato, além de constituir uma prática cultural da arte popular, tem se colocado cada vez mais como uma alternativa de renda para os artesãos. A valorização e a demanda cada vez maior de artigos artesanais pelo turismo têm proporcionado importantes transformações na atividade artesanal, desde a produção do artesanato até o modo de vida e às características físicas dos locais onde são produzidos ou comercializados. Este trabalho tem o objetivo de analisar as diferentes relações socioespaciais e econômicas estabelecidas a partir do artesanato nas áreas rurais e urbanas de Prados – MG, bem como seus impactos e perspectivas na dinâmica municipal.

Com efeito, identificar e refletir sobre os impactos e as perspectivas do trabalho artesanal no campo e na cidade fazem parte de um escopo de análise extremamente importante, principalmente nos dias atuais, quando o turismo se coloca como uma das atividades econômicas de maior crescimento no país e no mundo.

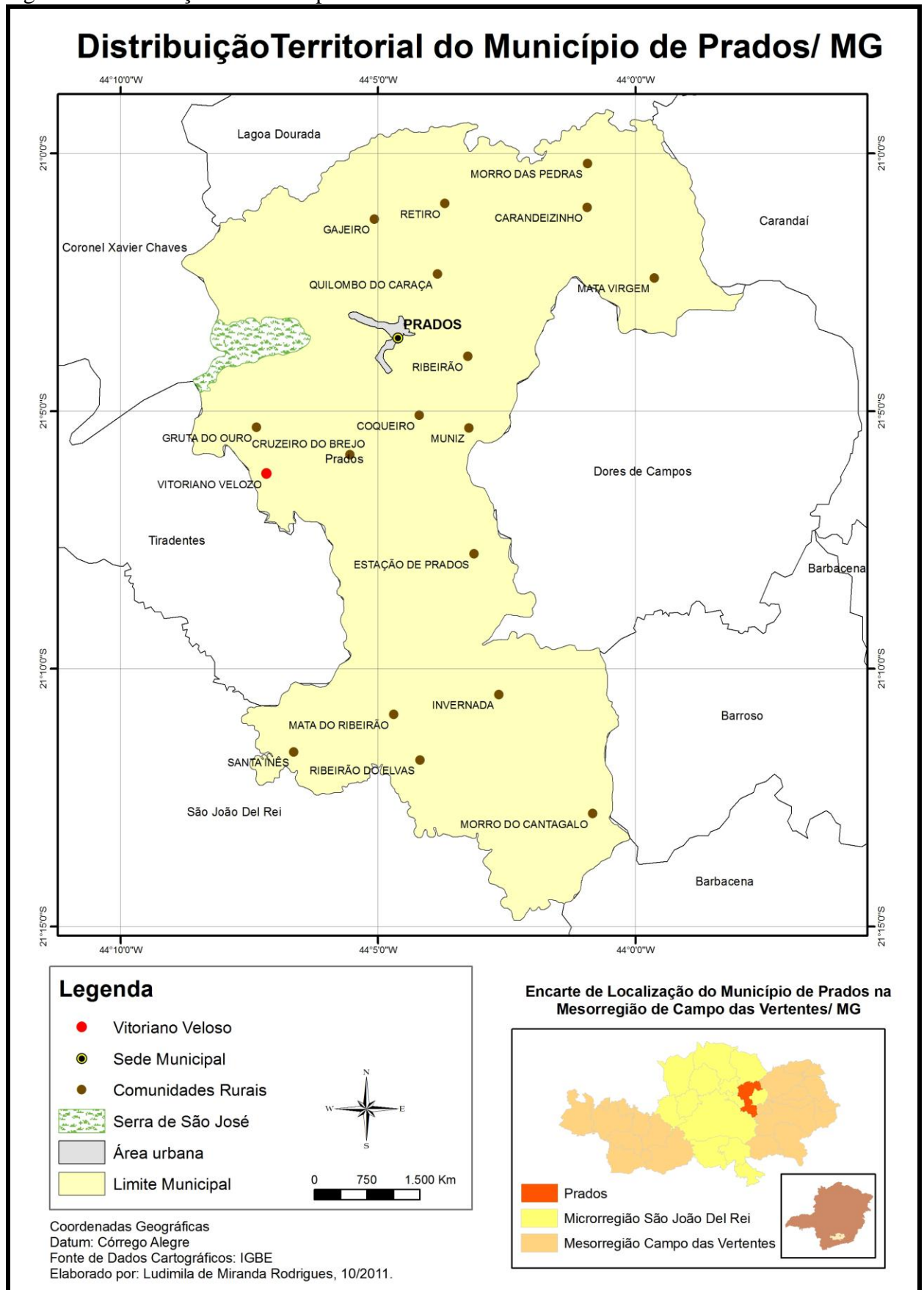
A metodologia utilizada para a realização deste estudo é qualitativa, apoiada em fontes primárias (pesquisa em órgãos oficiais como o IBGE e outros sites na Internet) e secundárias (obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com alguns artesãos residentes na cidade e na comunidade rural de Vitoriano Veloso, conhecida como “Bichinho”, além de registros históricos da constituição do município e levantamento de fontes orais junto aos administradores municipais. A leitura de temas ligados ao artesanato e ao ciclo do ouro em Minas Gerais e em Prados faz parte do retrabalhamento bibliográfico deste trabalho. As etapas metodológicas contemplaram também a busca de bases cartográficas e digitais para o mapeamento de localização do município de Prados no território mineiro.

O desenvolvimento do estudo em questão está estruturado em três partes, buscando construir uma caracterização da área estudada, apontando seus aspectos físicos, demográficos e histórico-culturais, apoiada na interpretação histórica do município, relacionada ao ciclo do ouro em Minas Gerais (uma vez que Prados se encontra na rota da Estrada Real, próximo a São João Del Rei e Tiradentes) e a relação desta atividade com o próprio desenvolvimento do artesanato na região. Juntamente com as discussões empíricas, são realizadas também reflexões teóricas acerca da perspectiva do artesanato como prática artística, sendo que, na maioria das vezes, não é reconhecido como tal. Por fim, destacam-se os impasses e as perspectivas do artesanato em Prados, nos diferentes espaços, urbano e rural.

Caracterização da área de estudo

O município de Prados encontra-se localizado na microrregião geográfica de São João Del Rei e mesorregião geográfica de Campo das Vertentes, no estado de Minas Gerais, cujas coordenadas geográficas correspondentes são 21°03'47" de latitude Sul e 44°04'47" de longitude Oeste (FIG. 1). A altitude média do município é 979 metros, observando-se na Serra São José a maior cota altimétrica – 1.430 metros. O município possui uma área territorial de 264 km². A distância de aproximadamente 180 km da capital mineira, Belo Horizonte, e a proximidade com os centros históricos turísticos de São João Del Rei (39 km) e Tiradentes (59 km) são um dos atributos que favorecem o turismo no município.

Figura 1 – Localização do município de Prados.



Artesanato Mineiro: limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de Prado/MG

Ludimila de Miranda Rodrigues; Marcos Nicolau Santos da Silva; Raphael Fernando Diniz

O clima predominante é o Tropical de Altitude, com duas estações bem definidas: inverno com baixas temperaturas e seco e verão chuvoso. A precipitação média é de 1.259 mm anuais. Os aspectos da cobertura vegetal, destacados por Cardoso (2002), baseando-se nos estudos realizados pela Fundação Lexander Brandt – FABRANDT (2000), mencionam a presença de tipologias florestais do Domínio da Floresta Atlântica, destacadamente ao longo de toda a face sul do município, sendo um dos maiores fragmentos de remanescentes em toda a região. A sua inserção representa uma zona de contato entre o Cerrado e a Floresta Estacional Semidecidual, com manifestação de diferentes tipos de vegetação: campos rupestres e Mata Galeria ao longo dos cursos d'água.

Figura 2 – Vista da Sede Municipal a partir do Cruzeiro da Cidade.



Fonte: RODRIGUES, L. M.; 2009.

A população do município de Prados, de acordo com o Censo Demográfico (2010), era de 8.391 pessoas, e a maior parte residia no meio urbano. Nota-se que, desde o final da década de 1980, a população urbana superou a rural, fato registrado em diversos municípios de Minas Gerais e do Brasil, especialmente nos municípios que possuem menor número de população absoluta (TAB. 1).

Tabela 1 – População residente por situação do domicílio – Prados/MG.

Situação do domicílio	1970	1980	1991	2000	2010
Total	6.514	7.078	7.371	7.703	8.391
Urbana	3.032	3.431	4.247	4.988	5.936
Rural	3.482	3.647	3.124	2.715	2.455

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010).

O município de Prados não é turístico apenas pela proximidade com São João Del Rei e Tiradentes, mas também por apresentar características semelhantes aos outros municípios mineiros onde houve alguma ligação com a mineração. Essa cidade é representada por uma arquitetura barroca datada dos séculos XVIII e XIX, pela tradição das festas religiosas ao longo dos anos, principalmente na Semana Santa com a participação da orquestra e banda “Lira Ceciliania”. Além disso, cabe destacar a Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra São José com 4.754 hectares de área, destacando-se como outro importante atrativo turístico natural do município.

Da mineração ao artesanato

A história do povoado de Prados, que deu origem ao atual município, também não é diferente das demais regiões mineradoras. Foi no início do século XVIII, por volta de 1704, que o município de Prados começou a ser formado com a vinda de dois irmãos bandeirantes da família Prado, Manoel e Félix Mendes do Prado, com uma comitiva de Taubaté composta por escravos para iniciar as atividades de mineração do ouro. Dessa forma, a notícia do ouro fácil atraiu para a região muitos paulistas e pessoas de várias áreas da colônia.

Vale ressaltar, entretanto, que o desenvolvimento de Prados foi comparativamente inferior ao de Tiradentes e São João Del Rei, já que possuía um menor potencial de exploração aurífera. O declínio da mineração ocasionou uma relativa valorização da propriedade da terra e revalorização da agricultura, marcando, portanto, uma alternância na atividade dos antigos bandeirantes e dando origem aos primeiros sesmeiros da região. É sabido que os bandeirantes plantavam suas roças ao longo dos caminhos por onde passavam e logo fundavam os povoados no interior das minas. Além disso, tais roças foram responsáveis pela alimentação das populações residentes nos núcleos de aglomeração urbana.

O povoamento de Prados data dos séculos XVIII e XIX, resultante da chegada dos “de fora” e, especialmente, por ser área de passagem das tropas e boiadas que seguiam para a zona da mata. Essas tropas ficaram conhecidas como “tropeiros” e desempenharam um importante papel na economia e cultura do país, especialmente no período colonial. Os tropeiros eram comerciantes que transportavam mercadorias em tropas de mulas, burros e cavalos da região produtora até os centros consumidores. Eles compravam e vendiam alimentos, ferramentas, vestimentas, usavam os animais para o transporte e também os vendiam; tudo isso, numa época em que ainda não havia estradas no Brasil. Além dos aspectos econômicos, eram os tropeiros quem fazia a comunicação do período, funcionavam como veiculadores de ideias e notícias entre os povoados. Sua importância se dá, inclusive, por auxiliar no surgimento de vários núcleos de cidades.

Dentre os diversos agentes comerciais do mercado mineiro colonial, Chaves (1998) afirma que os “tropeiros” constituíam o principal grupo. A autora chama a atenção para o fato de eles tornarem-se a única alternativa para o transporte de cargas na região das Minas Gerais, devido ao difícil acesso à capitania. Ela lembra ainda que não existe uma descrição das tropas no século XVIII, mas acredita que elas não deviam ser tão diferentes das tropas encontradas pelos viajantes do início do século XIX. Os tropeiros encontrados hoje em Prados nos aproximam bastante desse passado histórico, o qual se repete pela tradição.

Mesmo enfrentando todos os tipos de dificuldades pelos caminhos de Minas Gerais, as tropas de muares continuavam executando um volumoso comércio na capitania, permanecendo como a única alternativa para o seu abastecimento. Comercializavam não só os chamados gêneros importados – vindos, principalmente, dos portos do Rio de Janeiro e de São Paulo –, mas também transportavam e comercializavam gêneros alimentícios produzidos dentro de Minas Gerais durante todo o século XVIII (CHAVES, 1998, p. 136).

Inicialmente, esses mercadores do comércio interiorano eram chamados de “homens do caminho”, “tratantes” ou “viandantes”. O movimento de ir-e-vir viabilizou o comércio e a reprodução econômica do tropeirismo. Tal análise ainda pode ser mais estendida, já que o papel do tropeiro se reveste de um fundo cultural, deixando registrada sua importância na história do Brasil, até hoje presente, e pode ser resgatada na memória dos viajantes mais velhos de Prados, que faziam algumas viagens até poucos anos atrás. Alguns deles ainda fazem curtas viagens como de Prados à região metropolitana de Belo Horizonte, levando principalmente sapatos. Outros continuam exercendo tal atividade, levando mercadorias nas

grotas, onde carros e caminhões não conseguem passar. Com o objetivo de manter e resgatar a memória dos tropeiros no município, no mês de Junho é realizada a Festa do Pradense Ausente, na qual ocorre o Encontro dos Tropeiros, realizado no bairro Pinheiro Chagas. Nesta ocasião, os tropeiros atravessam a cidade formando sua tropa e encontrando com a população e demais companheiros de outros municípios.

Retomando a formação histórica de Prados, conforme mencionado anteriormente, o início do povoamento se deu a partir de 1704. A localidade de Prados pertenceu à Vila de São José Del Rei (hoje Tiradentes) até o ano de 1890, quando foi emancipada pelo Decreto Estadual número 41 de 15 de abril. No ano seguinte, foram-lhe conferidas as regalias de comarca pela Lei Estadual número 23 de 24 de maio.

A primeira atividade artesanal de destaque em Prados baseou-se na produção de artefatos do couro, a qual se tornou uma significativa atividade econômica de exploração industrial e artesanal. O município tornou-se um importante centro de produção de artigos de couro até a década de 1970/80. Os tropeiros eram os principais responsáveis pela comercialização dos produtos, levando tais mercadorias em balaios (conhecidos localmente por “jacais”) para São Paulo, Sul de Minas, Triângulo Mineiro, entre outras regiões onde paravam em alguns pontos de pouso, descansavam, alimentavam-se e vendiam algumas mercadorias.

A decadência da produção de couro em Prados está associada, principalmente, à concorrência de fábricas instaladas no município de Dolores do Campo, hoje referência na fabricação de celas na região, com mais inovações tecnológicas e diversificações, por exemplo, a substituição da madeira e do ferro pela fibra ótica. Consoante dizem as pessoas do lugar, “Prados se preocupou mais com a tradição histórica e cultural do que com as modernizações”. Contudo, buscando resgatar tal tradição, a prefeitura de Prados procura criar o *Museu Vivo do Couro e da História de Prados*, onde conjuntamente ao museu funcionaria uma oficina de couro.

Nota-se, geralmente, que, nos principais municípios do estado de Minas Gerais, os quais tiveram sua formação histórica e econômica ligada à atividade mineradora, ocorreu um simultâneo processo de desenvolvimento socioeconômico relacionado ao artesanato, à implementação do turismo histórico, arquitetônico, cultural e ambiental. Um exemplo desses projetos em Minas Gerais é a Estrada Real, na qual o município de Prados é uma referência importante, sobretudo pela produção de artefatos em couro (celas, botas, arreios, cintos, entre

outros) e em madeira. Ademais, Prados integra o circuito de turismo Trilha dos Inconfidentes, composto por 15 municípios, o qual divulga e elabora projetos de turismo na região.

O município possui alguns pólos de produção e comercialização do artesanato, sendo eles localizados na sede municipal, na comunidade rural Vitoriano Veloso (Bichinho) e na Fazenda Caraça, sendo esta última destaque na produção de réplicas de animais em grande porte. O tipo de produção dos três pólos é bem semelhante, contudo há algumas especificações e diferenciações quanto à dinâmica social e comercial relacionada ao artesanato nos três espaços.

A comunidade de Vitoriano Veloso leva o nome de um inconfidente que por lá nasceu, é uma localidade rural situada há 12 quilômetros da cidade de Prados, via estrada de terra, e 5 km da cidade de Tiradentes, via estrada asfaltada. A proximidade com Tiradentes, a presença de casarões antigos, da Igreja Nossa Senhora da Penha de França, que existe na comunidade desde meados do século XVIII, e o crescimento da infraestrutura de pousadas, casas de aluguel, restaurantes e das lojas e oficinas de artesanato, possibilitam o desenvolvimento do turismo histórico e cultural na comunidade. Cabe destacar a importância do projeto Oficina de Agosto na configuração dessa infraestrutura, além da divulgação e transformação do artesanato no município de Prados, mais especificamente na comunidade de Bichinho.

O artesanato como arte

Vários estudiosos têm realizado pesquisas nas quais apresentam os resultados de comunidades ou municípios que utilizam o artesanato como estratégia de reprodução socioeconômica, no entanto, poucos se habilitam a refletir no plano teórico o que é o artesanato e o seu significado como representação da arte e até que ponto o trabalho do artesão se assemelha ou diferencia do trabalho do artista no mundo contemporâneo. São algumas dessas questões que, de forma breve, serão discutidas neste trabalho.

A palavra artesanato possui uma acepção original:

Significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância (LIMA, 2003, p. 1).

Dessa forma, o “fazer” com as mãos do artesão é o ponto fundamental de um artesanato; as mãos são o principal e, em muitos casos, o único instrumento de trabalho. Pode-se fazer o uso de instrumentos técnicos no fazer artesanal, mas que sejam apenas de forma complementar, sem que a utilização de ferramentas suplante o uso das mãos na elaboração do objeto. Além disso, o fazer manual implica o uso de um tempo determinado pelo artesão; o artesanato, como qualquer outra arte, requer tempo e inspiração do artesão para ser elaborado. Por exemplo, em um trabalho intelectual, o escritor precisa de um tempo de pesquisa e/ou inspiração para escrever um texto, pensar como estruturá-lo, por qual assunto deverá começar a redigi-lo, quais as palavras a serem utilizadas – e é preciso atentar, ainda, para o fato de que não é todo dia que se consegue escrever. Assim, levando-se em consideração as semelhanças entre a arte de escrever e a arte dos artesãos, o tempo do artesanato, pode se afirmar, não é o mesmo tempo do relógio.

Eis uma questão em que o fazer artesanal sempre esbarra com a demanda do mercado. No mundo da mercadoria, da circulação e do consumo, os objetos obedecem ao tempo do relógio e, por isso, eles devem estar disponíveis em quantidade suficiente para o consumo. Porém, o artesanato não está submetido a essa lógica e, nem sempre, estará disponível na quantidade e no tempo exigido pelo mercado. Na verdade, o produto artesanal pode estar submetido ao tempo e às leis da natureza e dos homens que o produzem, mas, se o produto artesanal é submetido à produção em série, ele deixa de ser um artesanato e passa a ser um “industriano”¹.

Outro ponto importante que difere o artesanato de um produto industrial é que ele não é perfeito nem tem a obrigação de ser, já que ele é feito com as mãos. De forma genial, Lima (2005, p. 4) afirma que o artesanato é “um objeto perfeitamente irregular”. O modelo industrial impõe à sociedade a ilusão estética da regularidade, segundo a qual, para ser “perfeito”, o objeto necessariamente deve ser uniforme, homogêneo, portanto, bonito. Sobre o artesanato e a indústria, o manual e a máquina, Salgado e Franciscatti (2007, p. 9) afirmam:

O que se discute é a força do ritmo da máquina sobre um fazer que se caracteriza por um outro tempo, que era deslumbrado com outro olhar distinto do olhar da ordem de consumo, que se avaliava por outro valor distinto do valor de lucro. E por conter tais características, pode proporcionar àqueles que se dedicam a este ofício outra relação com seu fazer e com seu produto.

O artesanato é uma produção concreta e abstrata, material e imaterial, pois o objeto artesanal é caracterizado por características físicas (tipo de material, composição dos elementos plásticos visuais, desenhos etc.) e imateriais, por meio da representação de identidades, construídas continuamente como algo inacabado (DIAS FILHO; OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos” (HALL, 2005, p. 71). O artesanato também carrega parte da identidade dos sujeitos e dos lugares ao longo do tempo. Por exemplo, ao observar as características estéticas do artesanato de cerâmica das camponesas do Vale do Jequitinhonha/MG, notamos que as peças como as bonecas e as namoradeiras expressam um pouco da fisionomia das mulheres do lugar.

Lima (2005) centraliza suas ideias em cinco pontos fundamentais, os quais ele considera uma valiosa forma de lidar com o artesanato tradicional, valorizando o produto e seu produtor, com o objetivo de viabilizar melhores produtos e melhores condições de vida para o artesão.

O primeiro ponto discutido pelo autor é que o artesanato não é uma mera mercadoria, ele traz embutido em si valores, crenças, cultura. É importante mencionar que o objeto artesanal precisa ser analisado dentro da lógica de mercado, já que é também um produto, mas não se pode esquecer que o valor agregado não é apenas pelo significado material ou estético que aquela peça deva conter, e sim pelos valores culturais do lugar de onde é produzido, das crenças, da história de um objeto, afinal, assim como todo ser humano é formado por uma história, crenças, valores e cultura, os objetos também os são. Este é um dos aspectos que distinguem os produtos artesanais dos produtos industriais. Por isso, geralmente, o artesanato pode possuir um preço mais elevado. É fato que ainda no Brasil não se tem uma cultura e uma política de valorização dos produtos artesanais, os quais também podem ser chamados de produtos locais. Contudo, há vários países, principalmente na União Europeia, com toda uma política de apoio e incentivo aos produtos locais. É o caso do LEADER – Ligações Entre Ações do Desenvolvimento da Economia Rural –, um programa cuja função em foco é a valorização do patrimônio local, seja ele rural, ambiental ou artesanal. Nesse contexto, os produtos artesanais são bastante valorizados tanto no plano das ações políticas quanto no plano da sociedade.

O segundo ponto já foi discutido anteriormente, nele o autor chama a atenção para a questão da forma do artesanato, considerando o fato de ele ser manual e estar vulnerável à

imperfeição. A crítica estabelecida é focada nos padrões estéticos e uniformes impostos pela sociedade moderno-industrial.

O terceiro ponto diz respeito à imutabilidade do artesanato. É preciso repensar que o artesanato não é algo imutável, ele está sujeito a modificações nos padrões da forma, da estética, de sua elaboração, resgatando, inclusive, padrões plásticos perdidos no passado ou criando novos repertórios para sua decoração ou elaboração.

O quarto ponto também já foi debatido e compreende o ritmo, o tempo dado à produção do artesanato, sobretudo quando se alia o artesanato ao mercado. O mercado costuma exigir uma continuidade da produção do artesanato, às vezes não atendida. O autor cita um caso em que organizou uma mostra de artesanato no Rio de Janeiro para que as artesãs do município de Berilo, no Vale do Jequitinhonha/MG, fossem vender suas peças de tecelagem tradicional (colchas, toalhas, caminhos de mesa, almofadas etc.). Após chegarem, souberam que havia começado a chover na sua região. Lima (2005, p. 9) comenta que as artesãs ficaram ansiosas querendo voltar para seu município, pois as primeiras chuvas do ano significavam o tempo de plantar. Neste caso, o tempo das agricultoras-artesãs dividia-se entre o trabalho na roça e o artesanato. É um ponto importante a ser sempre considerado.

O último ponto pressupõe que o artesanato possui autoria e tem ligação com os direitos do autor. Um exemplo pode ser notado no artesanato produzido em Prados, o qual é reconhecido em boa parte do país, contudo é revendido por outras pessoas, que, na maioria dos casos, desvinculam o artesanato de seu artesão, não fazendo referência ao autor da obra. Muitas dessas peças são revendidas em municípios próximos- São João Del Rei, Tiradentes ou outras áreas de maior potencial turístico- mas sequer são pagos os direitos do autor. É uma questão pouco discutida no Brasil, mas de grande relevância. Por outro lado, quando as ceramistas do Vale do Jequitinhonha assinam seu nome e o local onde a peça foi produzida, é uma forma de colocar em evidência a procedência e o autor da obra.

Vale ressaltar ainda que existe uma dicotomia separando o artesanato e a arte, o artesão e o artista. Por pressupor que a obra de um artista renomado ou com formação na área das artes plásticas exige um trabalho intelectual, costuma-se menosprezar o trabalho e a profissão do artesão. Questiona-se: será que o trabalho do artesão não exige a atividade intelectual? Para criar uma peça, o artesão também não exerce um trabalho intelectualmente ligado ao seu imaginário, à sua capacidade de criação? No atual mundo do trabalho, valoriza-se a atividade intelectual em detrimento da braçal, a industrial em detrimento da artesanal. Além disso, o artesão não é visto como um profissional e o seu trabalho possui um valor inferior a um

produto industrializado ou de um profissional consagrado pela crítica. Cabe apontar que o artesanato também é uma arte e o artesão também é um artista e vice-versa. Embora possam ser destacados em diferentes planos discursivos, são pertencentes a uma mesma realidade.

Lima (2003) aponta a direção desta análise e afirma que o termo artesanato se refere ao processo de produção do objeto, predominantemente com as mãos. Independente de serem com mãos eruditas ou populares, eles são artesãos. Quando se fala da matéria-prima com a qual o objeto é feito, a maneira pela qual ela é obtida, do modo como é processada, das etapas de se fazer o objeto, este é o domínio do artesanato. Num outro plano, sobre esse mesmo objeto, quando se fala das questões de estética, de equilíbrio de massas, de proporções, de contrastes entre forma e fundo, de ritmo, de cores, de conteúdos simbólicos, de significados, de representações, diz respeito à arte, seja erudita ou popular. E o resultado do objeto produzido, se é bem ou mal feito, bonito ou feio, perfeito ou mal acabado, agradável ou não aos olhos, tatos, sentidos, sentimentos, razões etc., é questão de outra ordem. Isto está presente tanto nos objetos artesanais quanto em obras de arte. “Bons e maus artesãos existem. Bons e maus artistas também existem. Tanto eruditos quanto populares” (LIMA, 2003, p. 7).

Impasses e perspectivas do artesanato no município de Prados

O artesanato vem sendo cada vez mais trabalhado no município de Prados, configurando como uma estratégia de reprodução socioeconômica da população local, de forma que uma prática que é tradicionalmente repassada hereditariamente, como traço dessa cultura, agora representa também uma perspectiva econômica, resultando em algumas transformações na vida dos artesãos.

O artesanato é uma prática de significativa importância econômica para o município, envolvendo aproximadamente mais de duas mil pessoas nessa atividade, para a qual são utilizadas distintas matérias-primas. Entre os artefatos de couro destacam-se as botas, os arreios, as calças, as jaquetas e os embornais. O artesanato de barro e madeira retrata principalmente os aspectos da natureza, como animais da fauna local ou exótica, além de plantas, oratórios, imagens de santos e outras obras ligadas ao catolicismo, o qual possui forte importância na cultura do município. Há também outros tipos de artesanato mais tradicionais como a cerâmica, a palha, o bambu, a taquara, o crochê, o bordado, etc.

Artesanato Mineiro: limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de Prado/MG

Ludimila de Miranda Rodrigues; Marcos Nicolau Santos da Silva; Raphael Fernando Diniz

Figura 3 – Artesanato de Couro



Figura 4 – Artesanato de cabaça extraído da mata local



Figura 5 – Artesanato de Madeira e palha



Figura 6 – Tapetes de fibras vegetais



Figura 7- Sandálias e outros artefatos de couro



Figura 8- Peças de barro retratando a cultura tropeira



Fonte: RODRIGUES, L, M. 2009.

Entremeado às formas mais tradicionais dos artesanatos, há também alguns artesãos locais e “de fora”, que desenvolvem peças com materiais reciclados: ferro, tampinhas de

garrafa, papel, latas, madeira de demolição, entre outros. Essa é uma tendência atual em Prados, motivada, sobretudo, pela Oficina de Agosto.

Em 1991, o artista plástico Antônio Carlos Bech, mais conhecido como Toti, criou a Oficina de Agosto na comunidade rural Vitoriano Veloso. Buscando peças para o antiquário no qual trabalhava, Toti já conhecia a comunidade e o seu potencial artístico há mais de 25 anos. A ideia inicial do artista era realizar um projeto itinerante capaz de despertar nas comunidades carentes onde ele passava o desenvolvimento da produção do artesanato para a geração de renda e de crescimento econômico na região. Desse modo, o trabalho da Oficina de Agosto, lidando principalmente com materiais reciclados, como a madeira de demolição, o plástico, recortes de lata, ferro e papel *market*, despertou nas pessoas, além de uma perspectiva de trabalho, uma nova forma de ver o lugar e nele viver.

Segundo os próprios artesãos de Bichinho, antes da consolidação do artesanato como uma atividade importante na comunidade rural, a migração temporária era a única forma de renda, uma vez que o terreno é muito montanhoso e difícil de trabalhar. Soma-se a isso a pouca relevância da produção agrícola na cultura local, o que limitava as possibilidades de emprego e renda. Sendo assim, jovens e adultos se deslocavam para São Paulo, onde permaneciam no período de um ou dois meses, ou para Tiradentes, realizando uma migração pendular, na qual eles iam e voltavam do trabalho no mesmo dia, cuja mão de obra ocupava-se predominantemente na construção civil.

A Oficina de Agosto proporcionou uma perspectiva de emprego e renda à população local, inserindo, inclusive, os jovens no mercado de trabalho, que, consoante os próprios moradores da comunidade, estão mais tranquilos e se dedicando aos estudos, tendo em vista que não precisam mais permanecer alguns meses fora de Prados para trabalhar na construção civil.

Alguns artesãos que trabalhavam na Oficina de Agosto e aprenderam a lidar com o material reciclável abriram suas próprias lojas, adquirindo a patente de sua produção, como fez o artista Fábio Heleno Teixeira, que produz malhas de tampinha de garrafa (FIG. 9) sobre tela. Fábio possui, atualmente, dez funcionários, os quais preparam a sua matéria prima, ou seja, amassam as tampinhas para que ele possa montar suas peças com as “chapinhas” e as “estruturas”, algumas delas ele mesmo faz e outras são compradas prontas. Segundo o artista, inicialmente as pessoas da comunidade não acreditavam no potencial de suas peças, contudo, depois da divulgação em programas de televisão e revistas, suas peças adquiriram espaço e valor no mercado, principalmente internacionalmente.

Figura 9 e 10 – Luminária Peixe e Bode: produzidos com madeira, metal e tampinhas de garrafa.



Fonte: RODRIGUES, L. M.; 2009.

Associado ao desenvolvimento socioeconômico está o socioambiental, promovido por meio de campanhas sociais de higiene, meio ambiente e saúde. Tal impacto pode ser percebido na própria fala da comunidade quando relata sobre a prática do tropeirismo, a principal atividade associada ao desmatamento na região:

O tropeirismo daqui trabalhava com lenha e milho, desmatava muito, por isso foi acabando, antes o desmatamento era muito grande, já hoje não. O tropeirismo de Bichinho vendia as lenhas para a fábrica de carvão fazer tijolos. As pessoas estão mais conscientes hoje quanto ao desmatamento, tem muitos anos que acabou o desmatamento (Artesão da comunidade de Bichinho, 35 anos).

O desenvolvimento do artesanato na comunidade através do incentivo da Oficina de Agosto, da divulgação do artesanato local nos planos nacional e internacional e da proximidade com Tiradentes, gerou melhoria na sua infraestrutura, como telefonia, pequenos centros comerciais, hotéis e pousadas, restaurantes, enfim toda uma base para o incremento do turismo em Bichinho. Desse modo, o crescimento do turismo na localidade aproxima aos atrativos turísticos de todo o município de Prados o turista que vem à Tiradentes. Além do artesanato, destacam-se em Prados diversos tipos de turismo: histórico, relacionado à Trilha dos Inconfidentes; cultural, associado, principalmente, à tradição tropeira e à musicalidade representada pela Lira Ceciliana; religioso, com destaque às suas igrejas e festividades; e

ecológico, na Serra de São José, onde já são desenvolvidos torneios de *mountainbike*, rapel, caminhadas e cavalgadas na estrada do parque.

A produção do artesanato em Bichinho não atinge apenas os artesãos dessa comunidade. Grande parte das pequenas peças de madeira, utilizadas pelos artesãos de Bichinho, incluindo a Oficina de Agosto, são adquiridas nas mãos de pequenos artesãos das áreas rurais e da própria sede do município. Estes passam a se dedicar principalmente à produção “em massa” de tais peças, deixando de lado o processo de criação para reproduzir as peças que são demandadas pelo povoado de Bichinho. A concretização da realidade em questão está relacionada à garantia de compra dessas peças, além do fato de muitos artesãos da área rural e/ou urbana de Prados não estarem inseridos no mercado do turismo, encontrando-se ainda à margem desse processo.

Já o artesanato em madeira de grande porte constitui um mercado especializado e dirigido a um público alvo específico, com poder aquisitivo elevado, uma vez que as peças são feitas, predominantemente, a partir de encomendas. Algumas peças atingem mais de dois metros de altura e possuem valores exorbitantes. Assim, alguns dos artesãos possuem lojas em Bichinho e na sede municipal, vendendo peças menores, mas ainda dirigidas a uma parcela específica dos turistas, e outros, como é o exemplo da Fazenda Caraça, vendem suas peças na própria área rural, onde elas são produzidas (FIG. 10). A maior parte da madeira utilizada no artesanato de grande porte provém da região Norte do país, enquanto o artesanato em madeira de menor porte é produzido com matéria-prima local.

Figura 11 – Escultura de Leoa com filhote com mais de dois metros de altura.



Fonte: RODRIGUES, L. M.; 2009.

Outra característica do artesanato de Bichinho é a presença dos “artesãos de fora”. Motivados pela divulgação e pelo mercado do artesanato em construção na comunidade, artistas e artesãos de vários lugares passaram a se instalar definitiva ou temporariamente no município. Além disso, há também uma busca pela qualidade de vida, além da realização do trabalho “artesanal”, é o caso, por exemplo, de um artesão vindo de São Paulo que trabalha com papel *market*, fabricando peças decorativas e artefatos carnavalescos utilizando sobretudo o papel reciclado como matéria-prima. Atualmente, existem na comunidade várias pessoas trabalhando com essa arte, alguns vindos de Belo Horizonte. Inspirados pelo “novo artesanato”, alguns artesãos locais procuraram aprender e passaram a trabalhar também com o papel *market*, criando sua própria receita e o seu estilo de trabalho.

Figura 12 – Artesanato de Papel Marchet de um artesão vindo de São Paulo.



Fonte: RODRIGUES, L. M.; 2009.

Desse modo, a presença da Oficina de Agosto e de outros artesãos “de fora” proporcionou melhorias e desenvolvimento à comunidade, criando uma escola de artesãos, estimulando tal prática, principalmente entre os jovens, porque esse novo estilo moderno da Oficina de Agosto se mistura ao tradicional, aproximando-se de sua realidade contemporânea. Afinal, o artesanato não deve ser visto como um traço estático da cultura, uma vez que esta é dinâmica, não sendo única, e formada por “elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente” (CLAVAL, 2001, p. 50). Assim,

a cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência e da realidades sempre mutáveis. A cultura é herança e experiência. Ela é também projeção em direção ao futuro (CLAVAL, 2003, p. 163).

Entretanto, é preciso saber diferenciar até que ponto as inovações e transformações desses traços culturais, expressos no artesanato, continuam refletindo a cultura local e até que ponto tais transformações são “reinterpretações” e não apenas de “reproduções” de uma cultura exportada/projetada sobre tais populações.

Diante desse contexto de inovações na forma de produção e no produto final de tais artesãos, cabe destacar duas perspectivas/tendências do artesanato em questão: a transformação do artesanato em um “*industrializado*” e o processo de homogeneização, acompanhado da tendência de cópia, do artesanato pradense. Assim, é mister levantar algumas questões norteadoras de discussões em torno da arte, do artesanato, do artesão, do artista, da diferenciação, da criatividade e da cópia.

Na antiguidade, o trabalho artesanal era visto como uma atividade inferior, entretanto a efetiva distinção entre arte e artesanato corresponde a um fenômeno moderno, iniciado no Renascimento, a partir da ideologia da divisão do trabalho (artistas e artesãos) estabelecida, então, nas equipes de construção das igrejas medievais. Conforme Gullar (1994), tal contexto concede ao artista uma autonomia maior de criação do que ao artesão, que continua preso aos objetos e formas tradicionais de produção. Já o artista, além do caráter inovador, é concedido a ele também uma maior perspectiva de inserção no mercado. Sendo assim, para este autor:

Uma das características do artesanato, em contraposição à arte então nascente, é que esta se caracteriza pela busca de novas formas e estilos, enquanto o artesanato é conservador e repetitivo. Nele, a experiência é passada de pai para filho e não como conhecimento estético, forma estilística, mas como a forma do objeto, ou seja: um copo se faz assim, uma bandeja se faz assim, um cálice se faz assim (GULLAR, 1994, p. 8).

Contudo, o artesanato, assim como a arte, carrega a cultura e as experiências daqueles que os concebem, pois surge diante da necessidade de produzir utensílios facilitadores da sobrevivência do homem, o que transforma assim o objeto artesanal em “um testemunho, uma revelação da relação entre homem e sociedade” (SALGADO; FRANCISCATTI, 2007, p. 7). Sendo assim, é preciso ressaltar a restrição da ideia de artesanato ao seu caráter da identidade cultural, limitando o artesão à tarefa de reproduzir artefatos tradicionais de sua cultura e deixando em segundo plano a sua capacidade de criar e expressar na peça a sua reinterpretação de tal tradição. A demanda do mercado turístico pelo arcaico e pelo antigo acaba levando o artista apenas à repetição, aprisionando-o e ocasionando um contexto de homogeneização e esgotamento das obras.

Associada a essa demanda característica do mercado do artesanato, em tipo e quantidade, está a inserção do processo de industrialização na prática artesanal, o que proporcionou a esse artesão/artista uma produção em massa, de peças iguais, com menor qualidade e que expressam cada vez menos o seu significado original. Assim, citando Salgado e Franciscatti (2007, p. 8):

(...) o processo de produção artesanal vem cedendo ao mercado, que parece vingar-se daquele que tenta resistir à ordem da racionalidade tecnológica, transformando a manifestação da resistência em mercadoria sem valor, reduzida a um "fetiche" do mercado, e como tal, deve adequar sua produção para atender à demanda de consumo. Assim, teme-se que o trabalho artesanal esteja gradativamente passando, através do modo de produção e da determinação do mercado, a um processo mecanicista onde o artesão, destituído de sua subjetividade, torna-se instrumento de trabalho barato.

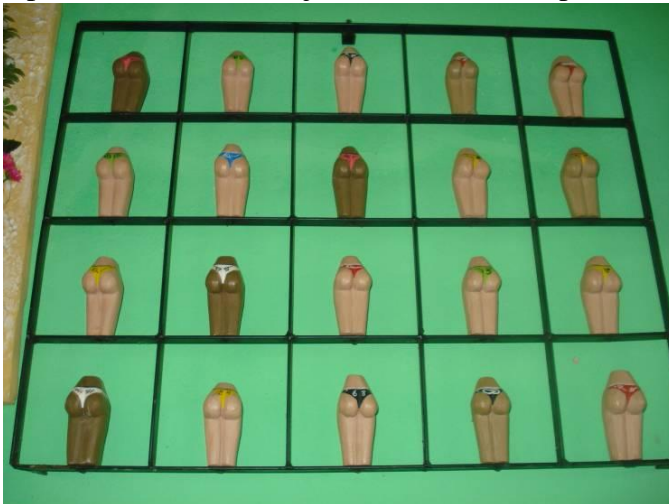
A real situação do artesanato em Prados e diversos outros municípios históricos inseridos na dinâmica do turismo é exatamente a destacada pelos autores acima, ou seja, a preocupação com a comercialização desses produtos supera o ato da criação, substituído pela cópia e/ou pela divisão da criação em etapas, como numa empresa fordista. Assim, Salgado e Franciscatti (2007, p. 8-9) destacam duas tendências que permeiam as relações sociais e culturais do fazer artesanal:

Uma se realiza através da demanda de aumento de produção, que consequentemente mata a criação e empurra o artesão para uma rede coletiva de trabalho, submetendo sua sobrevivência às associações, cuja própria existência já diz de um pouco de morte do desejo de resistência de cada artesão, compromete-se, cada vez mais, a possibilidade de criação: uma vez que as associações também reproduzem a ameaça ao artesão em sua busca pela máxima autonomia possível, suas relações acabam se constituindo pelo medo (acionado diante da ameaça de um mercado voraz) e potencializam os mecanismos de defesa que minam, assim, a possibilidade da presença da expressão na criação artesanal. A outra vertente da vingança é a que nega a expressão do artesão, por falsa projeção se oculta da percepção o elemento de resistência que insiste em aparecer e o remete à própria impossibilidade de resistir. Tal movimento pode ser pensado quando se incentivam e se valorizam as cópias seriadas que atendem ao ideal de mercado.

Tais tendências destacadas pelos autores podem ser observadas no município de Prados, onde “novas formas” de produção artesanal, agregando outros artesãos sem trabalho, proporcionam uma situação na qual as pessoas deixaram de criar suas próprias peças, para reproduzir aquelas peças que já possuem um mercado consumidor nacional e internacional definido, como a Oficina de Agosto. Diante de tal aceitação, vários artesãos locais, ainda não

inseridos no mercado e passando por dificuldades na venda de suas peças, passaram a copiar tais artesanatos (FIG. 12), que se repetem em quase todas as lojas da cidade e na área rural de Bichinho. Outros passaram a trabalhar para a Oficina de Agosto, ocupando-se apenas de uma parte da produção do artesanato, seja nas peças de madeira, na ferragem ou na montagem das peças. Tal situação também é reflexo da ausência de iniciativas mais eficientes do poder público na inserção da arte pradense, dos seus artesãos locais no mercado turístico, seja com políticas locais e/ou regionais.

Figura 13 – Uma das peças originárias da Oficina de Agosto e que se repete na maioria das lojas de todo o município



Fonte: RODRIGUES, L. M.; 2009.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, pode-se observar que o município de Prados apresenta uma tradição histórica e cultural de inestimável valor para seus habitantes e para o estado de Minas Gerais. A cultura tropeira, responsável pela formação da Vila de São José Del Rei, a qual se desmembrou em vários municípios, inclusive Prados, está ainda presente neste município, sendo lembrada através de festas tradicionais e ainda exercida por alguns dos poucos pradenses que continuam mantendo o hábito de fazer negócios no lombo das mulas e dos burros. O município também faz parte de importantes caminhos turísticos como a Trilha dos Inconfidentes e a Estrada Real, e possui espaços com grande potencial de atividades turísticas, a Serra São José, onde já são realizadas cavalgadas e outras atividades de suma importância para a divulgação da região.

O artesanato no município, inicialmente feito em couro, representa hoje uma importante fonte de renda para a população local. Atualmente, tal atividade ainda é realizada com o couro, sendo seus artesãos referências no trabalho com essa matéria-prima na região. Porém, ultimamente, tem crescido a participação com outros materiais como madeira, papéis, tampinhas de refrigerante, ferro, etc., todos recicláveis, gerando renda e emprego a uma parcela da população antes obrigada a migrar temporariamente para o trabalho em outras cidades ou trabalhar na roça com rendimentos que possibilitavam apenas o sustento da família e a permanência no campo.

A atividade do artesanato tem obtido resultados tão expressivos no município que alguns artesãos já têm suas artes divulgadas em programas de televisão e revistas de abrangência nacional e até internacional. Devido a isso, ocorre um fluxo de artesãos se dirigindo a alguns centros de produção e comercialização do artesanato em Prados e ali se instalando. Além das pessoas que passam a residir nos espaços de produção e comercialização do artesanato, há também intermediários (ou atravessadores) que vão a esses locais unicamente para comprar os artesanatos e os revenderem em outras cidades, omitindo dos compradores o local de origem dos produtos ou, de forma mais grave, se colocando como os verdadeiros artistas das peças.

Outro problema enfrentado pela atividade do artesanato em Prados diz respeito às cópias que muitos “artesãos” estão realizando daquelas peças mais vendidas e de maior preferência entre os turistas. Diante disso, existem, em alguns casos, conflitos entre artesãos que se sentem lesados pelas cópias feitas de suas artes e aqueles que, sem qualquer pudor, realizam a prática do plágio.

Diante desses fatos, alguns artesãos passaram a fazer a patente de suas obras, “protegendo-se” contra a cópia massiva feita por seus concorrentes. Todavia, a prática em questão ainda continua presente em muitas obras artesanais, contribuindo para a desvalorização das peças e do trabalho dos artesãos da região.

Por fim, ressalta-se que tanto o potencial turístico como a atividade do artesanato em Prados podem ser melhor explorados, uma vez que falta ainda ao município infraestrutura para receber seus visitantes: hotéis e pousadas, restaurantes, transporte para as regiões turísticas, além de uma maior divulgação do município em âmbito estadual e nacional.

Notas

¹“Objetos cuja matéria-prima é industrializada e sua produção é feita em série, utilizando, na maioria das vezes, moldes, formas ou máquinas. A criação pode ser direcionada por ondas temporárias de consumo. Sua cópia pode ser praticada, por não possuir identidades que garantam sua originalidade. Podem ser utilitários ou decorativos. (Ex. patos, bonecas)” (Secretaria Nacional de Assuntos Institucionais – SNAI. *Ações para o Desenvolvimento Econômico*. 2001)

Referências

- CARDOSO, G. G. C. **Área de Proteção Ambiental (APA) São José**: bases para uma gestão participativa. 2002. 87 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.
- CHAVES, C. M. das G. Comerciantes das Minas setecentistas: a diversidade de atuação no mercado colonial. **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 10, p. 135-143, abr. 1998.
- CLAVAL, P. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.
- _____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003. p. 147-166.
- DIAS FILHO, C. S.; OLIVEIRA, G. M. Grupos criativos: uma breve discussão sobre o artesanato da comunidade artesã de Porto do Sauípe – BA. In: IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. **Anais...** Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2008.
- GULLAR, F. O artesanato e a crise da arte. **Revista de Cultura e Vozes**, Petrópolis, v. 88, n. 4, p. 7-12, jul./ago. 1994.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.
- LEADER. **Agricultura e Desenvolvimento Local**: integrar a agricultura no Desenvolvimento Local. Portugal: Caderno Temático IX, 2001.
- LIMA, R. G. **Artesanato e arte popular**: duas faces de uma mesma moeda? (2003). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/.../Artesanato/Artesanato_e_Arte.../CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acessado em 15 jun. 2009.

Artesanato Mineiro: limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de Prado/MG

Ludimila de Miranda Rodrigues; Marcos Nicolau Santos da Silva; Raphael Fernando Diniz

_____. **Artesanato: cinco pontos para discussão.** (2005). Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFcp_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acessado em 15 jun. 2009.

SALGADO, M.; FRANCISCATTI, K. V. S. Reflexões acerca do fazer artesanal: o artesão e a expropriação do mundo do trabalho. In: XIV Encontro Nacional da ABRAPSO: Diálogos em Psicologia Social. **Anais...** Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/busca_completos_result.htm?srchtxt=reflex%F5es+acerca+do+fazer+artesanal&srchlst=js%2Fcompletos%2Fbd_completos_trabalho.js&redirecionar=_top&sitesporpg=10&pagina=1>. Acessado em 15 jun. 2009.

_____. Contraponto entre Arte, Artesanato e Trabalho: a falsa diferenciação e a atrofia da fantasia [12 páginas]. In: II Colóquio de Psicologia da Arte A correspondência das artes e a unidade dos sentidos. **Anais...** São Paulo, Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte - LAPA - USP, 2007. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c43a.pdf>>. Acessado em 25 jun. 2009.

SECRETARIA NACIONAL DE ASSUNTOS INSTITUCIONAIS – SNAI. **Ações para o Desenvolvimento Econômico.** 2001. Disponível em: <http://www.pt-pr.org.br/documentos/pt_pag/PAG%202004/PROGRAMAS%20DE%20GOVERNO/A%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20Desenvolvimento%20Econ%C3%B4mico%20-%20Maring%C3%A1.PDF>. Disponível em: <<http://www.pradosmg.com.br>>; <<http://www.trilhadosinconfidentes.tur.br>>. <<http://www.suapesquisa.com/colonia/tropeiros.htm>>. Acesso em 20 jun. 2009.